

Entre o diário e o semanário: uma análise do Brasil nos anos 1950 a partir do diário de Carolina Maria de Jesus e da revista Manchete

Luiz Antonio Dias

Universidade Estadual Paulista, Programa de História, São Paulo, SP, Brasil.

ORCID <https://orcid.org/0000-0001-8834-442X>

Kátia Silva Simões

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Programa de História, São Paulo, SP, Brasil

ORCID <https://orcid.org/0009-0008-4812-1115>

Ligia Baruque Diogo

Universidade Santo Amaro, Programa de Ciências Humanas, São Paulo, SP, Brasil

ORCID <https://orcid.org/0000-0002-3059-8416>

Resumo

O objetivo desse artigo é problematizar o período de euforia econômica dos anos Juscelino Kubitschek – e seu Plano de Metas – apresentados nas páginas da revista semanal Manchete e um contraponto a partir dos relatos – de vida difícil e miséria absoluta – contidos no livro *Quarto de Despejo* de Carolina Maria de Jesus. Mostrar os "Brasis", da segunda metade da década de 1950, a partir do olhar dessa mulher preta, pobre e favelada que, como tantas outras, não vislumbrou ou foi contemplada com a política desenvolvimentista dos "cinquenta anos em cinco". Buscamos uma análise interdisciplinar entre história, literatura, política e economia, tendo como base a obra e a ideia da escrita de si. Além disso, utilizaremos a revista Manchete para mostrar a euforia com os anos JK.

Palavras-chave

interdisciplinaridade; interseccionalidade; literatura; imprensa; Carolina Maria de Jesus; Juscelino Kubitschek

1 Introdução

Neste texto procuramos discutir e problematizar duas situações distintas vividas pelos brasileiros na segunda metade da década de 1950. Por um lado, a expectativa com o crescimento da economia brasileira a partir do Plano de Metas implementado pelo presidente Juscelino Kubitschek (eleito em 1955), de outro lado, a situação de pobreza, abandono e desesperança que assolava — e assola — grande parte da população brasileira.

Para mostrar a euforia com as perspectivas positivas do Plano de Metas, utilizaremos material jornalístico veiculado pela revista *Manchete*, por outro lado, para pontuarmos a desesperança utilizaremos a obra *Quarto de Despejo*, o diário de Carolina Maria de Jesus, que representa, em certo sentido, um outro Brasil. Assim, procuramos discutir esses "Brasis" a partir do olhar de uma mulher preta, pobre e favelada que, como tantas outras, não vislumbrou ou foi contemplada com a política desenvolvimentista dos "cinquenta anos em cinco".

Juscelino Kubitschek de Oliveira foi eleito presidente em 1955 pelo Partido Social Democrático (PSD), apoiado pelo Partido Trabalhista Brasileiro (PTB) — que elegeu o vice-presidente, João Goulart. A principal marca desse período foi o forte crescimento econômico. O PIB (Produto Interno Bruto) cresceu em média 7% ao ano, superior aos dois quinquênios anteriores; a renda per capita também subiu com relação ao período anterior.

O Plano de Metas apresentava propostas arrojadas de crescimento para o país — dentro das perspectivas criadas pelo slogan de campanha: "50 anos em cinco". Além disso, Juscelino também construiu uma nova capital para o país.

Apesar dos altos índices de crescimento, o projeto econômico começou a dar mostras de esgotamento no final do governo Juscelino, além disso, a desigualdade social e a pobreza de parte da população seguiram inalteradas. O endividamento do Estado e o crescimento inflacionário — em 1960, a inflação superou 30% ao ano — foram as principais consequências negativas do Plano de Metas. Nos anos seguintes, o PIB apresentou queda e a inflação uma alta constante. A proposta do artigo é, justamente, analisar como essas questões foram vistas e sentidas por grupos distintos da sociedade, de um lado o semanário *Manchete*, de outro o diário de Carolina Maria de Jesus.

Nascida no ano de 1914, na cidade de Sacramento, em Minas Gerais, Carolina — neta de escravos e filha de uma lavadeira analfabeta e um pai lavrador — cresceu em uma família com mais sete irmãos. Eles migraram com seus pais para Lajeado (Minas Gerais), Franca (São Paulo) e Conquista (Minas Gerais), entre 1923 e 1929, até retornarem para sua cidade de nascimento. Em Sacramento, ela e sua mãe chegaram a ser presas acusadas de roubo, ficando

presas até que se consegue provar a inocência de ambas. Tal episódio marcou Carolina e foi fator também para que ela decidisse, após a morte de sua mãe, mudar-se para São Paulo em 1937 (FARIAS, 2018).

Carolina sempre demonstrou interesse pela leitura e Maria Leite Monteiro de Barros, que era uma das freguesas de sua mãe, a incentivou a frequentar a escola. Carolina ingressou no colégio Alan Kardec aos sete anos de idade e lá cursou a primeira e a segunda série do ensino fundamental. Lá, adquiriu a habilidade da leitura, mas os recursos escassos de sua família não lhe davam acesso aos livros, entretanto sua vizinha lhe forneceu acesso a um de seus primeiros livros: *Escrava Isaura*, de Bernardo Guimarães.

Em São Paulo, Carolina trabalha como empregada doméstica até engravidar pela primeira vez, com isso se vê obrigada a mudar para favela do Canindé e é nesse local que, nos anos seguintes, Carolina foi mãe dos seus três filhos, todos de relacionamentos diferentes, segundo escreveu seu diário. Em 1960, Carolina publica sua obra de maior repercussão: *Quarto de Despejo*. Mais de 13 milhões de cópias foram vendidas, com publicações em diversos idiomas e viagens pelo mundo para a divulgação da obra. Nomeado pela própria autora como o diário de uma favelada, o livro nos possibilita uma imersão na rotina pessoal de Carolina que, assim como a de todos os moradores da favela do Canindé, em São Paulo, era marcada pela pobreza, pela violação de direitos e pela ausência do Estado.

Ela não escondia seu gosto pelas palavras. Para sustentar e educar sozinha os três filhos, trabalhava como catadora de papel. Filha de pais analfabetos, no pouco mais de um ano que conseguiu estudar foi alfabetizada. Na escrita, Carolina encontrava não só a possibilidade de desabafar, mas também de se realizar. Ela se reconhecia como escritora e trabalhava para que alguém publicasse seus textos, porque sabia da importância do que tinha a dizer. Este é um ponto fundamental a ser considerado na obra de Carolina: o alcance da fala de uma mulher preta e periférica. Carolina demonstra em muitos momentos de sua obra que ela gosta de ser ouvida e reconhecida como alguém capaz, inteligente e de destaque. Carolina foi representatividade antes dessa palavra entrar na “moda”.

Ao jornalista Audálio Dantas é atribuído o mérito por descobrir Carolina. Há várias polêmicas em torno da relação construída pelos dois, mas é importante dizer que foi a partir desse encontro que foi publicado o *Quarto de Despejo*. O que significa dizer que Carolina precisou ser descoberta por um homem branco, funcionário do jornal Folha da Noite, do atual grupo da Folha de S. Paulo, para que sua narrativa pudesse circular em meio a outras tantas já veiculadas sobre a realidade da qual ela era a pessoa com mais legitimidade para falar. Não se trata somente de problematizar a qualidade literária do trabalho de Carolina, mas sim de nos

interrogarmos sobre quem são as pessoas autorizadas a construir narrativas sobre a pobreza e miséria no Brasil ao longo do tempo.

A publicação do livro garantiu à Carolina não só reconhecimento como autora, mas, também, a saída da favela e algum conforto financeiro. Ela publicou outros três livros enquanto estava viva: *Diário de uma ex-favelada*, *Pedaços de fome* e *Provérbios*. Mas as publicações seguintes não alcançaram grande sucesso de vendas e Carolina não obteve o mesmo reconhecimento intelectual e financeiro que outros poetas ou romancistas brancos que abordavam em seus trabalhos temáticas diversas.

Casa de Alvenaria, sua obra de 1961, não teve o mesmo destaque que sua primeira obra e Carolina foi lentamente sumindo das páginas de notícia dos jornais, o que traz a oportunidade de refletir sobre a questão de como a pobreza pode ser encarada e vislumbrada com um certo exotismo e, quando essa vai de alguma forma se extirpando, a figura do animal a ser visto no zoológico ou a aberração a ser espiada no circo para de vender ingressos.

Somente em 2021, 44 anos após a sua morte, Carolina foi condecorada com o título de Doutora Honoris Causa da Universidade Federal do Rio de Janeiro. O que faz com que ela, apesar de não ter tido garantido o direito à educação formal, tenha sua obra reconhecida e legitimada pela comunidade científica e acadêmica. Essa honraria encontra consonância com um período político onde se faz urgente a promoção de reparações em relação às narrativas historicamente construídas pelas elites sobre as mulheres e homens pretos, pobres e periféricos brasileiros.

A utilização da imprensa como fonte histórica avançou bastante a partir da segunda metade do século XX. Com as perspectivas da Escola dos Annales, o historiador relativizou as certezas de que determinada fonte era, *a priori*, suspeita, ou representava prioritariamente os interesses do grupo social ao qual estava vinculado. Graças a essas contribuições, a ilusão de que a fonte, ou o documento pode ser isento das influências de um dado contexto histórico foram definitivamente superadas, e nesse sentido o jornal como fonte não seria mais suspeito que outras fontes. É importante destacar, contudo, que, dependendo das necessidades e conveniências do momento histórico, as fontes podem ser ajustadas, seja para justificar, seja para produzir uma realidade que legitime o discurso de uma época. Cabe, portanto, ao pesquisador analisar o documento de forma isenta e crítica. A narrativa jornalística é uma construção histórica que carrega os sentimentos, desejos e interesses da linha editorial do jornal ou, no nosso caso, revista.

Assim, o uso da imprensa como fonte histórica requer cuidado teórico-metodológico — no que não difere de outras fontes históricas. Devemos compreender o veículo de comunicação

como produto social, para evitarmos armadilhas e anacronismos, e não podemos analisar essas fontes de forma isolada, separadas do contexto histórico.

A *Manchete* foi lançada em abril de 1952, com uma nova concepção visual que rapidamente conquistou o público e logo se tornou uma das revistas semanais mais vendidas no país. A publicação foi criada por Adolpho Bloch, amigo muito próximo do – futuro – presidente Juscelino Kubitschek e, evidentemente, isso também pesou na forma como a revista retratou o governo JK e seu Plano de Metas.

[...] a *Manchete*, ao ser lançada, rapidamente suplantou o sucesso de *O Cruzeiro*, pois se apresentava valorizando um outro aspecto visual, o colorido, a paginação, inovando, desta forma, a maneira de se apresentarem os fatos que mereciam, segundo seu enfoque, serem elevados à condição de notícias que deviam ser reportadas a seu público naquela semana. Tornou-se, assim, uma das mais expressivas representantes da imprensa dos anos 1950 / 1960 (ARAGÃO, 2006, p. 48).

Dessa forma, junto aos jornais diários, a revista *Manchete* contribuiu para apresentar uma visão de “Brasil ao Brasil”, por vezes muito distinta da realidade das camadas mais baixas da sociedade. Cabe destacar que o apoio ao Plano de Metas e ao governo de Juscelino Kubitschek não foi unânime entre a grande imprensa, muito pelo contrário, grandes jornais se colocaram na oposição antes mesmo de sua eleição. O jornal *O Estado de S. Paulo*, por exemplo, foi um crítico contundente à candidatura de Juscelino Kubitschek. Para o jornal, de perfil liberal e contrário às propostas intervencionista de JK, o candidato mais preparado para suceder a Getúlio Vargas e colocar fim à instabilidade política e econômica seria o candidato da União Democrática Nacional (UDN), o general Juarez Távora. A vitória da outra chapa, composta por Juscelino Kubitschek (PSD) e João Goulart (PTB), segundo o jornal, promoveria o avanço do comunismo e levaria o Brasil à guerra civil.

2 Carolina, carolinas: gênero, cor e classe no Brasil da exclusão

Na tentativa de contextualizar a escrita de *Quarto de Despejo*, é importante destacar a invisibilidade existente dentro do próprio movimento feminista das especificidades experienciadas por mulheres negras e pobres. O movimento feminista, inicialmente pautado pela luta por direitos civis e tendo como um marco histórico a conquista de mulheres brancas do direito de voto, também foi amplamente criticado por não considerar a diversidade existente em relação à categoria mulher.

Rodrigues nos lembra que os anos de 1960 e 1970 foram marcados por “[...] disputas em torno de quem seria(m) o(s) sujeitos do feminismo que já estavam no bojo dessa retomada do protesto político por mulheres brasileiras das mais diversas classes sociais e regiões do país” (RODRIGUES, 2019, p. 2). Isso nos aponta o ineditismo dos relatos feitos por Carolina em seu diário. O autor também sinaliza que, mesmo com o destaque da discussão sobre a pluralidade dos feminismos no Brasil contemporâneo, chama atenção a inexistência de trabalhos e pesquisas que refletem a trajetória de mulheres negras no processo de construção do movimento feminista brasileiro.

O pesquisador afirma ainda que “[...] na trajetória do movimento feminista dos anos 1960 e 1970, o processo de ‘centramento’ contemplava gênero e classe social, mas não necessariamente raça e outras categorias de hierarquização” (RODRIGUES, 2019, p. 4) que seriam determinantes para a constituição de um movimento que problematizasse a multiplicidade das questões que impactam à realidade das mulheres brasileiras. Se esse silenciamento era e é problematizado dentro do próprio movimento feminista, sendo também interrogado dentro da historiografia das discussões de gênero realizadas no espaço acadêmico, não é de se espantar que a realidade representada pela imprensa seja divergente daquela relatada por Carolina.

Hooks, em *Ensinando a Transgredir*, destaca o esforço empreendido por mulheres negras que, além de desconstruírem a categoria mulher “defendem a ideia de que o gênero não é o único determinante da identidade feminina” (HOOKS, 2017, p. 105). A autora atribui o surgimento de novas teorizações que articulam as categorias raça e gênero a esse esforço e destaca que “muitas vezes se esquece que a esperança não era somente que as estudiosas e ativistas feministas enfocassem a raça e o gênero, mas também que o fizessem de maneira a não endossar as hierarquias opressivas convencionais” (HOOKS, 2017, p. 105).

A reflexão acima nos apresenta uma maneira interessante de abordar a interseccionalidade e a obra de Carolina, uma mãe solteira que precisa alimentar e educar três filhos e que aponta na sua escrita como a questão de gênero é atravessada pelas categorias raça e classe social. Mais do que isso, Carolina sabe que a situação que vive é determinada por uma espécie de imbricação entre o ser mulher, o ser preta e o ser pobre. E, dessa forma, consegue se identificar como uma favelada. Identidade que interseccionaliza e representa as três opressões (entre outras) vivenciadas por ela e que naquele contexto histórico era pouco estudada e evidenciada. É interessante pensar a transgressão de gênero feita por Carolina não só do conceito em si, mas pela permissividade do que cabia na caixa desenhada para as mulheres da época.

Para compreender o início da transgressão de Carolina, é necessário entender que a migração no século XX foi potencializada nos anos de Vargas e continuou com Juscelino Kubitschek. Até 1954, Vargas investiu em diversos setores da industrialização (SANTANA, 2018), no intento de que o país pudesse adquirir uma independência econômica. Essa industrialização exigia, capital, em grande parte estrangeiro – daí a crítica que Getúlio “vendeu” o país — e mão de obra.

A mão de obra foi justamente os trabalhadores advindos principalmente de estados do nordeste que, alertados dos empregos nas indústrias, associaram o vislumbre de uma vida melhor a uma das ações políticas de Vargas: a legislação dos deveres e direitos dos trabalhadores, a CLT (Consolidação das Leis do Trabalho) datada de 1943. Assim, influenciados por esse contexto e discurso, os trabalhadores, principalmente nordestinos, começam a migrar.

Fontes (2004) relata que, devido à estrutura patriarcal da época, a maior parte dos trabalhadores era de homens, por vezes, migrava-se por partes, por exemplo, primeiro vinha o pai, depois os filhos homens mais velhos, depois filhas e esposas. Outro fator importante ressaltado pelo autor é que a raça dessas pessoas trabalhadoras era, na grande maioria, a raça negra. Em uma das suas críticas aos transportes precários utilizados para a migração, Fontes (2004) compara os “paus de arara” aos navios negreiros. O autor destaca que dentre as mulheres era rara a migração de solteiras, que viessem desacompanhadas de companheiros ou de família. Nesse aspecto, chega-se à primeira subversão de Carolina. Mulher negra que migrou sozinha, fato raro à época.

Outra transgressão se dá ao fato de Carolina ser a provedora do sustento financeiro de sua família. Fontes aponta em sua pesquisa que a ideia da época é que mulher pertencia ao lar e deveria cuidar dos filhos e o homem deveria prover o sustento do lar. Carolina se dá conta desse seu local no mercado de trabalho e da sujeição e violências que as mulheres sofriam no seguinte trecho de seu diário, de 18 de julho de 1955:

Eu enfrento qualquer espécie de trabalho para mantê-los. E elas, tem que mendigar e ainda apanhar. Parece tambor. A noite enquanto elas pede socorro eu tranquilamente no meu barracão ouço valsas vienenses. Enquanto os esposos quebra as tabuas do barracão eu e meus filhos dormimos socegados. Não invejo as mulheres casadas da favela que levam vida de escravas indianas (FONTES, 2004, p. 13).

Carolina tem consciência de que algumas mulheres têm mais privilégios que outras e destaca isso em seu diário, no dia 25 de julho de 1955: “Fui visitar o filho recém-nascido de D.

Maria Puerta, uma espanhola de primeira. A jóia da favela. É o ouro no meio de chumbo” (JESUS, 2016, p. 21).

Desses dois trechos, destaca-se o entendimento de Carolina, que interseccionaliza novamente diferentes opressões, mas em uma lupa que enxerga a fundo outras formas de se existir mulher. Primeiro, quando coloca quase de forma hierárquica o termo “escravas indianas”: ciente de sua existência como mulher negra e periférica, ela faz a leitura interseccional do ser mulher indígena no Brasil, a colocando como a última na escala do respeito social, um termo que quase se apresenta com teor de pena e desprezo pela autora. Algo que Carolina não vê como semelhante, semântica que a distância dessa realidade e aproxima suas companheiras de favela. Uma frase que traz à tona os horrores da exploração e subjugamento dos povos originários, dos supostos casamentos em que se pegava “no laço” a mulher indígena nas matas e dos estupros feitos ao longo de séculos.

No segundo, trecho Carolina elogia a mulher europeia que, mesmo em uma situação financeira semelhante que à sua, tem alguns de seus direitos de saúde mais garantidos que outras; nota-se que Carolina faz isso comparando-a a um metal precioso, uma “jóia”, o “ouro” no meio do chumbo. Carolina tenta de alguma forma enaltecer esse encontro, uma demonstração semântica de que existe nessa mulher espanhola uma existência interseccional que Carolina compreende muito bem também.

Ao explicar o que escreve, em 21 de julho de 1955, diz que é sobre “[...] todas as lambanças que pratica os favelados, estes projetos de gente humana [...]” (JESUS, 2016, p. 18), deixando evidente que há algo para além do ser mulher e do ser preto promovendo opressão a todas as pessoas residentes na favela. E que, independentemente do gênero, há algo que situa todas as pessoas faveladas em uma espécie não humanizada.

Akotirene nos lembra que foi Kimberlé Creschaw, teórica estadunidense, quem desenvolveu o conceito de interseccionalidade que, enquanto ferramenta de compreensão sobre a desigualdade, “visa dar instrumentalidade teórico-metodológica à inseparabilidade estrutural do racismo, capitalismo e cisheteropatriacado” (AKOTIRENE, 2019, p. 14). E, desta forma, é interseccionalizar as categorias de análise que nos possibilita vislumbrar a articulação entre diferentes formas de opressão promovidas economicamente, politicamente e socialmente.

É essa interseccionalização que é capaz de operar de forma a nos aproximar da compreensão sobre a realidade específica vivenciada por cada sujeito. Mais do que uma simples soma de opressões, a interseccionalidade trata de formas diversas de opressão que, articuladas aos seus efeitos nas subjetividades, promovem e perpetuam desigualdade, exclusão

e diferentes formas de violência. A utilização da ideia de interseccionalidade visa a também resolver os debates existentes dentro do próprio feminismo em relação a inserção de pautas afetas especificamente às mulheres negras e, ainda, em problematizar como o movimento negro também tem limites em abarcar as questões referentes ao debate da desigualdade de gênero.

A obra de Carolina é rica em nos apontar como as questões de gênero, raça e classe operam conjuntamente no dia a dia dela, mas também na constituição de sua identidade de favelada. De maneira intuitiva, a autora consegue nos demonstrar como a favela é o lugar de despejo dos negros, das mães solteiras e dos pobres. Categorias que até a atualidade são representativas do perfil brasileiro de moradores de periferia, observamos isso em seu relato do dia 10 de maio de 1958:

[...] O tenente interessou-se pela educação dos meus filhos. Disse-me que a favela é um ambiente propenso, que as pessoas tem mais possibilidades de delinquir do que tornar-se útil a pátria e ao país. Pensei: Se ele sabe disto, porque não faz um relatório e envia para os políticos? O senhor Jânio Quadros, o Kubstchek e o Dr. Adhemar de Barros? Agora falar para mim, que sou uma pobre lixeira. Não posso resolver nem as minhas dificuldades (JESUS, 2016, p. 23).

Carolina também nos mostra estar ciente da responsabilidade e da ausência do Estado nas periferias e ainda como o próprio Estado (representado na fala do policial), constrói o discurso de que a delinquência é uma característica inata associada a determinadas pessoas e grupos. Essa ideia se consolidou e até hoje é presente nas narrativas que criminalizam a pobreza, associam favela e violência, desresponsabilizam o Estado e depositam exclusivamente nos sujeitos o mérito ou não por sua condição econômica.

Várias foram as estratégias políticas e econômicas utilizadas ao longo de nossa história para negar a desigualdade racial fruto do sequestro e do processo de abolição da escravidão dos povos africanos em nosso país. Narrativas higienistas e eugenistas que sustentam um projeto de sociedade que é fruto de nossa colonização e que vem sendo atualizado ao longo dos tempos. Carolina sabiamente também apontou a nossa permanência colonial mais cruel: “E assim no dia 13 de maio de 1958 eu lutava contra a escravatura atual — a fome!” (JESUS, 2016, p. 24).

3 Os anos dourados nas páginas da revista Manchete

A elaboração do Plano de Metas, publicado no livro *Diretrizes gerais do Plano Nacional de Desenvolvimento*, era um programa de governo. Foram definidas 30 metas, que abrangiam vários setores, por exemplo, de energia, de transporte, indústrias de base, educação. A meta síntese – de número 31 – era a construção de uma nova capital – Brasília. Com a posse do presidente Juscelino Kubitschek, grande parte do país foi tomado pelas expectativas de sucesso desse arrojado plano de desenvolvimento econômico.

Como já apontado, a revista Manchete foi criada por Adolpho Bloch, amigo próximo de Juscelino Kubitschek e isso contribuiu para a construção de uma imagem extremamente positiva do homem, do político e de suas políticas e, no caso analisado, do Plano de Metas. Aragão aponta que:

A revista não somente se ocupava com o que dizia respeito à atuação deste como homem público, mas também, ao enfatizar as suas características pessoais, construía uma imagem de Juscelino como homem simples, homem do povo, homem que, embora tendo alcançado o mais alto posto político do país, fazia parte do mesmo povo que constituía a nação brasileira. Em inúmeras reportagens, Juscelino é valorizado como estadista, como homem de ação, como excelente executivo, o mais capaz naquele momento de levar o Brasil a se desenvolver em todo o seu potencial, a se projetar no cenário mundial, a ser respeitado como nação autônoma e soberana (ARAGÃO, 2006, p. 52).

Na edição 198, de 04/02/1956, a revista trouxe uma ampla cobertura da posse do presidente Juscelino Kubitschek e de seu vice, João Goulart, a posse do “J-J”, com inúmeras fotos dos dois, das personalidades presentes e do povo nas ruas onde, segundo a revista, a “vibração era grande” e o “tanque, soldado e povo saíram à rua para a festa da posse.” (MANCHETE, 1952, p. 9-10). Com essa narrativa, a revista mostrava que as incertezas acerca da posse de Juscelino Kubitschek não se concretizaram, visto que ele assumiu com o apoio das Forças Armadas. Na edição seguinte – 199, de 11/02/1956 –, o destaque foi a recepção, no Palácio do Catete, dada aos representantes estrangeiros, mostrando a grandiosidade da festa, com mais de 4.000 presentes, e os pratos requintados servidos às autoridades (MANCHETE, 1952, p. 32-43). Interessante pensar no contraste dessa festa – com caviar, faisão e lagosta – ao cotidiano de fome descrito nas páginas do diário de Carolina de Jesus.

Se nas páginas do semanário Juscelino é enaltecido, por outro lado, Carolina de Jesus indica em seu diário – em 19 de maio de 1958 – que a única coisa de aproveitável do presidente é a voz: “Parece um sabiá e a sua voz é agradável aos ouvidos. E agora, o sabiá está residindo

na gaiola de ouro que é o Catete” (JESUS, 2016, p. 26). Na sequência ela faz um alerta, em forma de uma dura poesia: “Cuidado sabiá, para não perder esta gaiola, porque os gatos quando estão com fome contempla as aves nas gaiolas. E os favelados são os gatos. Tem fome.” (JESUS, 2016, p. 26).

É importante destacar que o Plano de Metas tinha uma vocação mais forte no sentido do desenvolvimento industrial, criação e ampliação de rodovias e ferrovias, ou seja, produzir e escoar. Nas metas relacionadas ao setor de alimentação – metas 13 a 18 (BRASIL, 1959) – podemos observar também a preocupação com a ampliação da produção e armazenamento, no entanto, os recursos foram relativamente baixos em comparação com as demais metas e não se evidencia uma grande preocupação com a erradicação da fome no país.

Faro e Silva (2002) apontam que os investimentos programados para o setor de energia eram superiores a 40% dos recursos, ao passo que ao setor de alimentação estava destinado pouco mais de 3% – o menor percentual entre as áreas, muito próximo do destinado à educação, 3,4% (FARO; SILVA, 2002, p. 85).

No que diz respeito ao desenvolvimento industrial, a fabricação de veículos era ponto importante e a inauguração da fábrica Volkswagen do Brasil não foi esquecida pela Manchete, que documentou o fato. [...] Ao reportar a inauguração, inclusive com fotos (em uma delas, JK percorre de carro as instalações da fábrica), Manchete enfatizava, mais uma vez, a imagem de JK trazendo desenvolvimento e progresso, o que, em última análise, significava também geração de novos empregos e diminuição da pobreza no país (ARAGÃO, 2006, p. 104).

É inegável que o crescimento econômico, que de fato ocorreu, contribuiu para a expansão do emprego no país. Faro e Silva apontam que o “[...] sucesso do plano pode ser ilustrado pela taxa média de crescimento do PIB de 8,27% no período 1957-61 contra 6,06% no quinquênio 1952-1956, e 3,49% no período 1962-66 [...]” (FARO; SILVA, 2002, p. 86). Isso, porém, não significa uma melhor redistribuição de renda ou redução da miséria. Para Carolina de Jesus – em seus apontamentos do dia 16 de maio de 1958 – a fome continua sendo uma companheira constante:

Eu amanheci nervosa. Porque eu queria ficar em casa, mas eu não tinha nada para comer.... Eu não ia comer porque o pão era pouco. [...] Eu quando estou com fome quero matar o Janio, quero enforcar o Adhemar e queimar o Juscelino. As dificuldades corta o afeto do povo pelos políticos (JESUS, 2016, p. 25).

No início de 1959, a revista Manchete destacava em longa matéria, na edição 355 de 07/02/1959, os resultados já alcançados pelo Plano de Metas. Na capa, o presidente Juscelino Kubitschek à frente de um mapa do Brasil, destacando Brasília e os caminhos que levam à nova capital. As fotos que ilustram a matéria mostram aviões, navios, reator atômico, estradas – “[...] estradas de rodagem: nunca se fizeram tantas rodovias neste país como nestes três últimos anos” (MANCHETE, 1952, p. 8-9), enfim, um grande destaque ao crescimento do país. Em meio à euforia contida no texto, um pequeno trecho indica que o problema da inflação continua a corroer os salários, “a inflação ‘engole’ os salários, mas o Governo promete vencê-la” (MANCHETE, 1952, p. 9), segue apontando para a queda da inflação de 20% em 1955 para 7,04 em 1957 para, na sequência, voltar a mostrar os números, positivos, superlativos do governo de Juscelino Kubitschek.

A grandiosidade do Plano de Metas, em especial a construção de Brasília, sempre foi destacada nas páginas da revista, assim sua inauguração acabou por ser brindada com uma edição especial, com 100 páginas, mostrando que “começa aqui a nova história do Brasil: JK recebe as chaves da capital” (MANCHETE, 1952, p. 7).

A assim chamada Edição Histórica, número especial sobre Brasília, publicado no dia 21 de abril de 1960, data da inauguração da nova capital, teve tiragem de 760 mil exemplares que se esgotaram em 48 horas. Houve leitores que chegaram a adquirir quatro a cinco exemplares para guardar como recordação ou enviar para parentes e amigos residentes no exterior (ARAGÃO, 2006, 109-110).

Na página 98 dessa edição, uma foto mostra que uma:

[...] mulher do povo, sob forte emoção do momento, rompeu a multidão para beijar, com fervor, a mão do criador de Brasília. [...] Gratidão, que não é apenas dela, mas de todos os candangos que viram a cidade nascer e crescer, para aquele instante de glória (MANCHETE, 1952, p. 98).

Caberia buscar, nos diários das “carolinas” de Brasília, se essa euforia contagiou os mais pobres, se a fome foi esquecida nesse momento de comemoração.

Neste sentido, nos perguntamos se a euforia econômica exposta nas páginas da imprensa, especificamente na revista Manchete, mais do que um contraponto ao diário de Carolina, representa na realidade um projeto de sociedade. Projeto em que as elites brancas e dominantes ascendem e se mantêm no poder e as favelas se constituem como uma

permanência das senzalas. A desigualdade não é questionada, mas sim naturalizada como condição para o desenvolvimento social.

É mais uma vez Jesus (2016) quem lança luz, a partir de anotações feitas em 15 de maio de 1958, sobre a situação econômica brasileira à época do material de nossa análise: “[...] Eu classifico São Paulo assim: O Palácio, é a sala de visita. A Prefeitura é a sala de jantar e a cidade é o jardim. E a favela é o quintal onde jogam os lixos” (JESUS, 2016, p. 24). Os descartáveis ao longo da nossa história permanecem os mesmos: as minorias sociais compostas por negros, mulheres, pobres e todos que ousam se desviar do modelo ideal e eurocêntrico de sociedade.

4 Considerações finais

Não devemos aceitar determinada narrativa do acontecimento como a única possível, pois na realidade ela está diretamente relacionada aos interesses, ideias e necessidades da revista. Importante termos clareza de que discurso e narrativa são produzidos a partir de um lugar, de um espaço ocupado na sociedade, além de interesses políticos e econômicos. A visão de um sujeito pode divergir de outro a partir da perspectiva do olhar, a mesma realidade percebida e vivida de forma distinta. Segundo Aragão (2006):

Não foi por acaso que a revista Manchete desempenhou este papel junto ao governo JK. A relação de amizade que se formou entre Juscelino e Adolpho Bloch e que foi se tornando cada vez mais sólida, **apoiada na mesma crença em um Brasil grande**, em um futuro promissor, na construção de um novo país, contribuiu, sem dúvida, para que Manchete valorizasse a figura do presidente sob múltiplos aspectos (ARAGÃO, 2006, p. 50, grifo nosso).

Justamente por isso, não podemos desconsiderar a revista como uma fonte social, produzida por indivíduos que se identificam enquanto classe, que possuem visão de mundo particular, e que acabe reproduzindo essa visão. Assim, o otimismo, a sensação de melhora, foram tão reais para esse grupo quanto o pessimismo, a desesperança e a miséria foram reais para as diversas “Carolinas” espalhadas pelas periferias desse país.

Em seu diário, as denúncias da miséria e da fome, são constantes, em cinco de novembro de 1958, diz que, “despertei. Não adormeci mais. Comecei sentir fome. E quem está com fome não dorme.” (JESUS, 2016, p. 97) e aparentemente, aponta para o responsável, quando fala sobre o “inverno do Senhor Juscelino”, um governo desorientado tal qual um “cão correndo atrás do rabo” (JESUS, 2016, p. 97).

Carolina, através de sua linguagem simples, constrói uma narrativa crítica baseada em uma leitura complexa sobre a desigualdade racial e de gênero brasileiras. Ela também faz apontamentos sobre as permanências da escravidão, bem como seus efeitos na estruturação de nossa sociedade de uma maneira tão desigual.

Em *Quarto de Despejo*, podemos identificar as condições precárias da saúde pública, Carolina demonstra indignação com a ausência de estrutura que gera mortalidade infantil e, também, à mortalidade das mulheres, principalmente durante a gestação e no parto. Ela sente na pele a inflação citada nos anos de Kubitschek e fala da alta dos preços nos gêneros alimentícios.

Essa inflação – que saiu de 7% em 1957 para bater em 48% em 1961 – corroía o poder de compra de assalariados, mas era ainda pior para aqueles que sequer possuíam uma renda estável. No final de 1958, ano em que a inflação atingiria 23%, Carolina desabafa em seu diário, no dia 24 de outubro:

Eu fiz café e mandei o José Carlos comprar 7 cruzeiros de pão. Dei-lhe uma cédula de 5 e 2 de alumínio, o dinheiro que está circulando no país, Fiquei nervosa quando contemplei o dinheiro de alumínio. O dinheiro devia ter mais valor que os gêneros. E no entretanto os gêneros tem mais valor que o dinheiro. Tenho nojo, tenho pavor do dinheiro de alumínio O dinheiro sem valor. Dinheiro do Juscelino (JESUS, 2016, p. 92).

Cabe, portanto, ao pesquisador ter clareza de que o Brasil nos apresenta situações muitos dispare, a desigualdade social, racial e de gênero, acabam por criar “Brasis” distintos, uma multiplicidade de realidades diversas e conflitantes que se entrecruzam cotidianamente. Ainda que, em parte das vezes, distantes e diversos, o encontro desses “Brasis” se dá na exploração de um sobre o outro, na violência de um sobre o outro.

Referências

AKOTIRENE, Carla. **Interseccionalidade**. São Paulo: Pólen, 2019.

ARAGÃO, Georgy Pontes Vieira de. **Meios de comunicação como construtores de uma imagem pública: Juscelino Kubitschek através das revistas Manchete e O Cruzeiro**. 2006. Dissertação (Mestrado em Bens Culturais e Projetos Sociais) - Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil, Programa de Pós-Graduação em História, Política e Bens Culturais, Rio de Janeiro, 2006.

BRASIL. Presidência da República. **Programa de metas do presidente Juscelino Kubitschek**. Rio de Janeiro: Serviço de documentação, 1959.

FARIAS, Tom. **Carolina**: uma biografia. Rio de Janeiro: Editora Malê, 2018.

FONTES, Paulo. Migração nordestina e experiências operárias: São Miguel Paulista nos anos 50. In: BATALHA, Cláudio; SILVA, Fernando Teixeira; FORTES, Alexandre (org.). **Culturas de Classe**: identidade e diversidade na formação do operariado. Campinas: Editora da Universidade Estadual de Campinas, 2004. p. 365-366.

FARO, Clovis de; SILVA, Salomão Lipcovitch Quadros da. A década de 1950 e o programa de metas. In: GOMES, Angela de Castro Gomes (org.). **O Brasil de JK**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2002.

HOOKS, Bell. **Ensinando a transgredir**: a educação como prática da liberdade. 2. ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2017.

JESUS, Carolina Maria de. **Quarto de despejo**: diário de uma favelada. 10. ed. São Paulo: Ática, 2016.

MANCHETE. Manchete: revista semanal. **Manchete**, Rio de Janeiro, v. 0001, abr. 1952. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=004120&pagfis=1>. Acesso em: 22 ago. 2022

RODRIGUES, Cristiano. Feminismo negro e interseccionalidade: práxis política e a consolidação de um pensamento sociopolítico para além das margens. In: MARQUES, Danusa et al. (org.). **Feminismos em rede**. Porto Alegre: Editora Zouk, 2019. p. 93-110.

SANTANA, Rafael Barbosa de Jesus. Uma análise da obra "Quarto de Despejo", de Carolina Maria de Jesus: por Rafael Barbosa de Jesus Santana. **Unipampa**, Bagé, 21 out. 2018. Disponível em: <https://sites.unipampa.edu.br/lehl/2018/10/21/uma-analise-sobre-a-obra-quarto-de-despejo-de-carolina-maria-de-jesus-por-rafael-barbosa/>. Acesso em: 28 ago. 2022.

Between the daily notebook and the weekly print: an analysis of Brazil in the 1950s from the diary of Carolina Maria de Jesus and Manchete magazine.

Abstract

The objective of this article is to problematize the period of economic euphoria of the Juscelino Kubitschek years – and his Goal Plan – presented in the pages of the weekly magazine Manchete and a counterpoint from the reports – of difficult life and absolute misery – contained in the book *Quarto de Despejo* by Carolina Maria de Jesus. Show the "Brazils", from the second half of the 1950s, from the point of view of this black, poor and favela woman who, like so many others, did not see or was contemplated with the developmentalist policy of the "fifty years in five". We seek an interdisciplinary analysis between history, literature, politics and

economics, based on the work and the idea of a writing about itself
In addition, we will use Manchete magazine to show the euphoria
with the JK years.

Keywords

Interdisciplinarity; intersectionality; literature; press; Carolina
Maria de Jesus; Juscelino Kubitschek

Autoria para correspondência

Luiz Antonio Dias
luizhistoria@yahoo.com.br

Kátia Silva Simões
katiassimoes@gmail.com

Ligia Baruque Diogo
ligiabdiogo@gmail.com

Como citar

DIAS, Luiz Antonio; SIMÕES, Kátia Silva; DIOGO, Ligia Baruque. Entre o diário e o semanário: uma análise do Brasil a partir do diário de Carolina Maria de Jesus e da revista Manchete. **Intexto**, Porto Alegre, n. 55, e-127694, 2023. <https://doi.org/10.19132/1807-8583.55.127694>

Recebido: 06/10/2022

Aceito: 20/03/2023



Copyright (c) 2023 Luiz Antonio Dias, Kátia Silva Simões, Ligia Baruque Diogo. Este trabalho está licenciado sob uma licença Creative Commons Attribution-NonCommercial 4.0 International License. Os Direitos Autorais dos artigos publicados neste periódico pertencem aos autores, e os direitos da primeira publicação são garantidos à revista. Por serem publicados em uma revista de acesso livre, os artigos são de uso gratuito, com atribuições próprias, em atividades educacionais e não-comerciais.